

Saúde

JORNAL DO BRASIL

Por uma verdadeira política sanitária

09 FEV 1994

DOM LUCAS MOREIRA NEVES *

Volto a falar dos doentes, mais do que da doença. A questão substantiva é a mesma: o lugar do doente na Igreja e na sociedade civil. Sobre este eminente lugar, quis testemunhar, com sua incontestável autoridade moral e espiritual, o papa João Paulo II, ao escrever um valioso documento sobre a dor e a doença. Ao criar, entre os organismos que o assessoram no pastoreio da Igreja, um Conselho para os Agentes da Saúde. Ao instituir o Dia Mundial do Doente, a celebrar cada ano no dia 11 de fevereiro.

É crescente, na Igreja, a consciência de que sua Pastoral não pode ser indiferenciada, mas deve contar com meios, modos, instrumentos e expressões diversos para levar o evangelho, os sacramentos, a vida comunitária a categorias diversas de pessoas. Nasceu, assim, entre outras, a Pastoral dos Doentes (chamada também, de modo positivo, a Pastoral da Saúde) para um adequado atendimento aos doentes em suas necessidades espirituais e religiosas. Lei básica desta Pastoral é olhar o homem como pessoa humana e não como um caso clínico. Levar em conta sua situação especial e, portanto, seu estado de espírito, suas reações psicológicas, suas exigências. Oferecer-lhe as riquezas espirituais da graça (Palavra de Deus, sacramentos, orações) a partir das suas próprias circunstâncias. Nem é preciso dizer que o olhar pastoral vê o doente como a face dolorosa e sofredora do próprio Jesus Crucificado.

Mas, além de objeto de atenção pastoral, o doente deve ter sempre presente que, no plano da Igreja e,

portanto, numa visão de fé, ele não é meramente passivo. Sua doença, longe de torná-lo improdutivo, faz dele alguém que, a seu modo, contribui enormemente na ação própria da Igreja, que é atualizar a salvação operada por Jesus. É exatamente o que João Paulo II chama reiteradamente o valor salvífico do sofrimento, especialmente da doença. Uma palavra misteriosa e ousada do apóstolo Paulo traduz o conceito: "Eu completo na minha carne o que faltou à Paixão de Cristo."

Digamos, de saída, sem meias tintas, que uma sociedade (família, cidade, estado ou nação) que não sabe cuidar dos seus doentes uma sociedade interiormente desequilibrada, desarmoniosa, autodestrutiva por não ser capaz de combater os germes da sua própria decomposição. Um país tem a obrigação de organizar-se em função não dos saudáveis e abastados, mas dos que, doentes, não têm os meios para curar-se.

Lamento ter que dizer que o nosso é, neste domínio, um país em grave falta com seu povo. Um país que ainda não conseguiu oferecer aos seus cidadãos um elemento tão fundamental e indispensável da cidadania: saúde para todos. Ninguém pode ficar tranquilo vendo milhões de brasileiros privados de assistência médica ou, quando têm médico, impossibilitados de comprar o remédio; privados de hospitais; reduzidos à absurda e escandalosa fatalidade de mortes, cuja causa não é propriamente a doença (em si curável), mas a carência dos cuidados médicos mais elementares para crianças, jovens e adultos. As estatísticas, se feitas com absoluta transparência, nos mostrariam aqui um disfarçado, mas nem por isso menos trágico genocídio. Para que cesse

esta herodiana "matança dos inocentes", não há alternativa senão a elaboração e implantação de uma política sanitária nacional de longo alcance. De programas de saúde baseados em prioridades válidas. De dotações orçamentárias realistas.

É inquietante ler, em documento conclusivo de um encontro de secretários de Saúde do Sul, região mais rica do país (a carta de Blumenau), que "os recursos destinados pelo governo federal para financiamento do sistema de saúde foram drasticamente reduzidos em valores reais, atingindo, hoje, apenas 50% dos gastos realizados em 1988". O próprio ministro da Saúde reconhece que a real necessidade nacional na área da saúde é de US\$ 14 bilhões e 136 milhões, enquanto a proposta orçamentária para 1994 mal atinge US\$ 9 bilhões e 104 milhões.

Às vésperas do Dia Mundial do Doente, eu não teria como calar um grito de alarme e alerta a respeito do problema da saúde, dos mais ameaçadores do Brasil, ao lado da miséria e da fome. Aplaudo com especial admiração e apreço duas realidades mais próximas a mim como pastor: os hospitais criados e mantidos pela Igreja em favor dos doentes mais pobres, como o da Irmã Dulce, de Salvador, e da Pastoral da Saúde, ativa em tantas dioceses.

Tiro uma conclusão que não deveria surpreender a ninguém: o doente, interpelando silenciosamente a sociedade, colabora para que ela se torne mais humana, solidária, hospitaleira e fraterna.

* Cardeal-arcebispo de Salvador e primaz do Brasil.